

Revisão de Literatura

Interseccionalidade: um olhar social sobre a percepção de variáveis sociolinguísticas

Intersectionality: a social view of the perception of sociolinguistic variables

*Isabel PIE**

RESUMO: A partir de uma revisão bibliográfica que inclui teoria social, teoria sociolinguística e estudos de percepção sociolinguística no campo do gênero e da sexualidade, busca-se defender o uso da interseccionalidade como ferramenta de análise sociolinguística. Explica-se a origem da interseccionalidade, que remete aos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970 e à teoria do direito legal. Além disso, discutem-se as diferentes abordagens interseccionais. Três experimentos sociolinguísticos que exploram percepções sobre gênero e sexualidade, cuja análise está alinhada com a perspectiva interseccional são expostos, assim como as vantagens apresentadas por essa abordagem analítica. Ao fim, ressalta-se a importância de uma visão dinâmica das categorias sociais e de fatores contextuais para a compreensão de significados sociais de variáveis sociolinguísticas.

ABSTRACT: Based on a literature review that includes social theory, sociolinguistic theory and studies on sociolinguistic perception linked to gender and sexuality, the use of intersectionality as an analytical sociolinguistic device is defended. The origins of intersectionality, which refer to social movements in the 1960s and 1970s and to legal law theories, are outlined. Also, different intersectional approaches are discussed. Three sociolinguistic experiments that explore perceptions linked to gender and sexuality and whose analysis are in line with intersectionality are exposed, as well as the advantages presented by this analytical approach. At the end, the importance of dynamically viewing social categories and contextual factors in order to comprehend the social meaning of sociolinguistic variables is emphasized.

* Mestranda do programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP, bolsista CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4965-7463>. isabel.pie.souza@usp.br

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Percepção sociolinguística. Gênero. Sexualidade.	KEYWORDS: Sociolinguistic Sexuality.	Intersectionality. perception. Gender.
---	---	---

1 Introdução

Eckert (2008, 2012, 2016) compreende o significado social como propriedade emergente da linguagem. A autora propõe que tal significado não é preciso ou fixo, mas localmente construído, dependente do contexto de interação. Assim, qualquer variante linguística poderia estabelecer um campo de significados potenciais – chamado pela autora de *campo indicial*. Para determinar quais significados sociais são ativados pelo uso de determinada variante em uma situação de interação, é preciso levar em conta fatores situacionais, linguísticos e sociais, incluindo-se os próprios falante e ouvinte. A essa teoria de significação social, que tem tido expressiva influência sobre os estudos sociolinguísticos recentes, é dado o nome de *teoria emergentista*.

Além disso, nos últimos tempos, tem crescido na Sociolinguística Variacionista o interesse por *estudos de percepção*. O estudo da percepção sociolinguística é quase tão antigo quanto a própria área de pesquisa, tendo sido inaugurado por Labov (2006 [1966]) e Lambert (1967). O estudo da produção de fala, contudo, sempre concentrou a maior parte da atenção dos sociolinguistas. Talvez por essa razão, embora a compreensão do significado social tenha se expandido muito nos últimos anos, ainda “pouco se sabe sobre como os ouvintes percebem esse significado social, como eles recebem os sinais sociolinguísticos e o que fazem com eles.”¹ (CAMPBELL-KIBLER, 2009, p. 135). Mesmo assim, durante os últimos dez anos (aproximadamente), com o auxílio de ferramentas digitais para manipulação do sinal linguístico, os experimentos

¹ Tradução própria de “[...] little is known about how listeners realize social meaning, how they receive sociolinguistic cues, and what they do to them.”

de percepção têm demonstrado sua importância para um melhor entendimento do significado social emergente na linguagem.

Outro interesse relativamente recente da Sociolinguística Variacionista, surgido a partir das décadas de 1980 e 1990, tem sido o de entender a possível relação entre usos linguísticos e sua percepção, de um lado, e a construção de *personae*, de outro (LEVON; MENDES, 2016). Nesse tipo de estudo, questões que por vezes se mostram localmente significativas, como a orientação sexual do falante – compreendida tanto do ponto de vista performativo quanto do ponto de vista perceptivo (e.g. GAUDIO, 1994; MOONWOMON, 1985; FAI, 1988). Ademais, a chamada Teoria Queer (BUTLER, 2003 [1990]), surgida durante a década de 1990, afetou profundamente os estudos sobre sexualidade e gênero ao desestabilizar as noções vigentes de identidade e pertencimento a grupos.

Também vem sendo incorporada à Sociolinguística Variacionista, principalmente em estudos que abordam questões de gênero e sexualidade, uma ferramenta de análise advinda da teoria social feminista: o conceito de *interseccionalidade* (HOOKS, 1981; CRENSHAW, 2004; HANCOCK, 2007a, 2007b; *inter alia*). A abordagem interseccional traz diferentes implicações aos mais variados campos de estudo e pode ser compreendida como uma alternativa teórica e metodológica que questiona a dinâmica e complexidade das interações sociais, tanto em níveis individuais quanto estruturais. O questionamento recai sobre a capacidade de explicação de categorias unas, como “mulher” e “gay”, a respeito de fenômenos sociais complexos. Postula-se, assim, que a experiência social se constitui de fato na *intersecção* entre diferentes categorias. Trata-se de uma perspectiva múltipla, simultânea e interativa que refuta a compartimentalização e hierarquização dos marcadores de diferença social.

Diante de tais conceitos, trazidos recentemente aos estudos sociolinguísticos, algumas problemáticas merecem ser levantadas. Enquanto ferramenta de análise, que

ganhos a abordagem interseccional oferece aos estudos de percepção sociolinguística voltados ao campo do gênero e da sexualidade? Nesses experimentos, como conciliar a teoria emergentista proposta por Eckert ao conceito de interseccionalidade?

Ademais, tais questões se inserem em um debate mais amplo, que será aqui tangenciado: as ferramentas de análise e os conceitos propostos pelos estudos sociais servem à Sociolinguística?

2 Métodos e Objetivos

A discussão teórico-conceitual aqui delineada foi construída a partir de uma revisão da literatura recente sobre a percepção sociolinguística de gênero e sexualidade (CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2016) que sofre influência, em maior ou menor grau, da chamada teoria emergentista proposta por Eckert (2008, 2012, 2016). Além disso, foi também incorporada à discussão uma revisão de parte da literatura que aborda o conceito de interseccionalidade tanto na Sociolinguística (LEVON, 2011, 2015; LEVON; MENDES, 2016) quanto nas teorias sociais (CRENSHAW, 1989, 2004; BRAH, 2006; HANCOCK, 2007a, 2007b; HENNING, 2015). A revisão bibliográfica aqui exposta, por sua vez, teve como base a teoria da argumentação propostas por Sacrini (2016, 2019).

Procura-se, neste artigo, defender a tese de que a interseccionalidade pode servir como ferramenta de análise em experimentos de percepção sociolinguística baseados na teoria emergentista do significado social. Argumenta-se que a visualização das dinâmicas sociais por uma perspectiva interseccional pode garantir uma abordagem dos aspectos micro e macrosociais da percepção sociolinguística que se adequa a uma perspectiva verdadeiramente social da língua. Espera-se que, assim, a partir de um questionamento sobre procedimentos analítico-metodológicos, seja estabelecida uma discussão sobre o caráter interdisciplinar da Sociolinguística Variacionista. Acredita-se que essa reflexão possa ser proveitosa do ponto de vista

acadêmico, uma vez que procura não apenas traçar um panorama do campo de estudo, mas, também, interrogar-se sobre seus caminhos passados, presentes e futuros.

Para atingir tais fins, na próxima seção será feita uma breve explicação sobre o conceito de interseccionalidade, que partirá de sua origem no terreno dos movimentos sociais e terminará por expor alguns de seus princípios teóricos. Logo depois, serão descritos alguns experimentos de percepção sociolinguística que apresentam especial afinidade com a teoria emergentista e, também, com a teoria interseccional em seus procedimentos analítico-metodológicos. Por fim, serão discutidos os benefícios desse tipo de abordagem para a Sociolinguística Variacionista de forma geral e especificamente no contexto brasileiro, tendo em vista suas particularidades.

3 Interseccionalidade: um novo olhar sobre a experiência social

O termo “interseccionalidade” foi cunhado pela teórica do direito, Kimberle Crenshaw, em 1989. Crenshaw argumentava que, em certas instâncias, mulheres negras poderiam sofrer discriminação especificamente como *mulheres negras*, e a legislação estadunidense não estava preparada para lidar com esse tipo de experiência discriminatória. Tal discriminação não deveria ser compreendida como um simples efeito da soma das experiências discriminatórias baseadas em raça e em sexo, mas como uma instanciação específica da *intersecção* entre essas duas categorias (CRENSHAW, 1989; LEVON, 2015).

Henning (2015) e Brah (2006), no entanto, associam a origem da preocupação em entrelaçar distintas formas de diferenciações e desigualdades sociais a um momento anterior: as lutas feministas das décadas de 1960 e 1970. Naquele momento, mulheres “não brancas”² discutiam, em movimentos e organizações sociais, a

² A categoria “não branca”, na Inglaterra dos anos 1960 e 1970, incluía mulheres afro-caribenhas e sul-asiáticas, que viviam uma experiência racializada. Já nos EUA da mesma época, o termo era utilizado para se referir a pessoas de origem africana de forma geral (BRAH, 2006).

experiência articulada de classe, raça, gênero e diferenças culturais em suas vidas. O feminismo branco norte-americano, por sua vez, fez com que nascessem os primeiros estudos formais a respeito do tema durante as décadas seguintes. Até hoje, o conceito de interseccionalidade reverbera, tanto no mundo acadêmico (HOOKS, 1981; McCLINTOCK, 1995; BUTLER, 2003 [1990]; CRENSHAW, 2004; HANCOCK, 2007a, 2007b; *inter alia*) quanto no mundo das lutas sociais.

Devido à sua importância teórica e social, há algumas décadas, as abordagens interseccionais têm trazido uma nova perspectiva a movimentos sociais, especialmente ao Feminismo (em particular, o Feminismo Negro), ao Movimento Negro e ao Movimento LGBT³. De acordo com Henning (2015, p. 101), a interseccionalidade pode hoje ser considerada, para alguns autores, “como uma das mais importantes contribuições teóricas que os estudos de mulheres, conjuntamente a outros campos afins, produziram até o momento”.

Não se pode dizer, porém, que a interseccionalidade venha sendo encarada da mesma forma por todas as autoras que trabalharam o conceito durante os últimos (ao menos) 30 anos. Crenshaw (1989), em seus primeiros escritos, propõe que as intersecções sejam entendidas como uma metáfora para aquilo que Levon (2015) denomina *abordagem intracategórica*. Nessa abordagem, adota-se a especialização de conteúdo no lugar de categorias sociodemográficas amplas. Assim, analisa-se a experiência de, por exemplo, mulheres negras e lésbicas: subcategoria que se situa na intersecção entre as categorias de gênero, raça e sexualidade. Com isso,

³ O uso do termo LGBT (sigla que remete às categorias de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) foi aprovado no Brasil em 2008 (disponível em http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/LGBT/texto_base_1_lgbt.pdf. Acesso em: 2 dez 2019) em uma conferência nacional para debater os direitos humanos e é o mais utilizado no país atualmente. Mesmo assim, outras siglas mais antigas (como GLS, que remete às categorias de gays, lésbicas e simpatizantes) e mais recentes (como LGBTQI+ ou LBTTQQIAA, que incluem também categorias como *queer*, intersexuais, assexuais, entre outras) são utilizadas para designar a comunidade LGBT e outros grupos cuja identidade de gênero e/ou sexual também costuma ser percebida como desviante ou minoritária.

[...] a tendência foi de se reforçar certos cruzamentos de marcadores de diferença em detrimento de outros que se tornavam secundarizados (como o reforço na tríade, quase “mantra”: raça, classe e gênero), ou, então, frisar a preeminência de um marcador sobre os demais, seja, por exemplo, classe social em relação à “raça” e gênero no caso de algumas correntes marxistas (HENNING, 2015, p. 109)

Algumas pesquisadoras (e.g. McCLINTOCK, 1995; HANCOCK, 2007a, 2007b; BRAH, 2007) que trabalharam o conceito de interseccionalidade em um momento mais recente, por outro lado, levantaram questionamentos acerca de uma abordagem dita interseccional que se resumia ao enfoque intracategórico. Hancock (2007a, 2007b) define esse tipo de abordagem como *múltipla* e não como interseccional de fato. A autora argumenta que os trabalhos que utilizam uma abordagem múltipla, como muitos daqueles que se diziam interseccionais durante a década de 1990, concebem as categorias sociais como estáticas em um nível individual e institucional. Isso ocorre porque uma relação entre as categorias da diferença social é estabelecida *a priori*. De acordo com Hancock, a abordagem interseccional se contrapõe à abordagem múltipla por enxergar a relação entre as categorias sociais como uma questão empírica em aberto. Com isso, as intersecções passam a ser entendidas como *dinâmicas*. Nessa concepção, seria preciso estar atenta às formas pelas quais diferentes histórias sociais, motivações interpessoais e expectativas ideológicas locais configuram a imbricação entre categorias da experiência (LEVON, 2015).

Indo ao encontro da definição de Hancock, grande parte das pesquisas sociais que lidam com o conceito de interseccionalidade têm se proposto, nos últimos 20 anos, a ir além da abordagem intracategórica. Assim, essas pesquisas têm procurado conceber as intersecções como dinâmicas e localmente emergentes (HENNING, 2015). No entanto, no que diz respeito à Sociolinguística Variacionista, e sobretudo aos estudos que envolvem variação linguística, gênero e sexualidade, a grande maioria dos trabalhos já feitos empregaram aquilo que Hancock denomina uma perspectiva

múltipla, mas não interseccional de fato. Desde a década de 1980, têm surgido pesquisas sociolinguísticas que adotaram uma abordagem intracategórica, explorando a intersecção entre gênero e sexualidade (e.g. ECKERT, 1989a, 1989b), entre gênero, sexualidade e noções de raça e etnia (e.g. PHARAO *et al.*, 2014), entre gênero, sexualidade e localização geopolítica (e.g. KULICK, 1993) e entre gênero, sexualidade e classe social (e.g. MOORE; PODESVA, 2009). O compromisso dessas pesquisas com a interseccionalidade tem sido apenas parcial, uma vez que, dentro da Sociolinguística Variacionista, tanto do ponto de vista metodológico quanto analítico, raramente se entendem as intersecções sociais dinâmicas ou localmente emergentes (LEVON, 2015).

Dito isso, na próxima seção, serão discutidos experimentos de percepção sociolinguística que buscam analisar as categorias de gênero e sexualidade sob uma perspectiva interseccional (CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2016). Será discutido se os trabalhos escolhidos trazem uma abordagem interseccional que se alinha à visão proposta por Hancock (2007a, 2007b), assim como os benefícios que tal abordagem proporciona à análise sociolinguística.

4 A intersecção entre categorias sociais em experimentos de percepção sociolinguística

A crença popular de que a fala de uma pessoa seja um indicador minimamente confiável de sua orientação sexual tem motivado estudos que envolvem variação linguística e percepções sobre gênero e sexualidade há, ao menos, 30 anos (cf. MUNSON; BABEL, 2007, para uma revisão mais detalhada do assunto). Em grande medida, as primeiras pesquisas sobre o tema (e.g. GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998) se dedicavam a determinar quais variáveis linguísticas estariam atreladas a percepções sobre sexualidade e separá-las daquelas que estariam atreladas a outras categorias sociais, como gênero e classe. Todavia, os resultados desse tipo de pesquisa foram, em geral, inconclusivos, indicando que a percepção de significados sociais atrelados à sexualidade na fala não tende a ocorrer de forma isolada, mas mediante uma forte

interação com outros traços sociais e contextuais que se mostram relevantes durante a interação linguística (LEVON, 2014). Por essa razão, os experimentos aqui discutidos abordam a percepção de significados sociais não apenas relacionados a noções de sexualidade, mas também a noções de gênero, de classe social e de traços contextuais, como formalidade.

Os três experimentos aqui abordados (CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2016) também se diferenciam de muitos dos estudos de percepção dedicados ao mesmo tema, feitos anteriormente, por utilizarem a mesma técnica para manipulação de estímulos linguísticos: a técnica *matched-guise*⁴ (CAMPBELL-KIBLER, 2009; LAMBERT *et al.*, 1960). Essa técnica consiste em observar a reação do ouvinte diante de estímulos linguísticos quase idênticos (chamados de *guises*, “disfarces”), que se diferenciem entre si apenas em aspectos específicos e controlados, que correspondem às variáveis linguísticas sendo examinadas. Normalmente, em um experimento que utiliza essa técnica, cada participante ouve cada falante apenas uma vez, em um de seus disfarces. A vantagem da utilização da técnica *matched-guise* é garantir que a escolha de variáveis linguísticas a serem estudadas seja feita em um momento anterior ao experimento. Em estudos anteriores, como o de Gaudio (1994), a análise linguística dos estímulos era feita de forma *post hoc*, estando assim sujeita às impressões e ideologias próprias do pesquisador (LEVON, 2006). Quando criam-se disfarces que se diferenciam apenas no que diz respeito às variáveis sendo estudadas, pode-se supor que as diferenças nas respostas dos ouvintes digam respeito, justamente, às variáveis em foco. Ademais, a possibilidade de criar disfarces que combinem mais de uma variável permite testar possíveis efeitos de interdependência entre duas ou mais variáveis sociolinguísticas.

⁴ Para “técnica *matched-guise*” já foi proposta, por Oushiro (2015), a tradução “técnica de estímulos pareados”. Mesmo assim, como a forma em inglês é a mais utilizada, mesmo em trabalhos em língua portuguesa, escolheu-se mantê-la neste texto.

Campbell-Kibler (2011) estudou, no inglês americano, percepções de gênero, sexualidade e competência⁵ diante das variáveis (-ing) e anteriorização de [s]. A variável (-ing) pode ter uma pronúncia alveolar ([sm], para a palavra *sing*) ou velar ([sm̠]) e, de acordo com estudos anteriores (e.g. FISHER, 1958), carrega significado social associado à classe social e à formalidade. Já a pronúncia anteriorizada de [s], também já estudada anteriormente (e.g. VAN BORSEL et al., 2009), tem um significado social fortemente associado à sexualidade gay⁶. Como era esperado, os participantes do estudo de Campbell-Kibler avaliaram os disfarces que apresentavam variantes velares de (-ing) como mais competentes e disfarces que apresentavam variantes anteriorizadas de [s] como mais gays. Além disso, os resultados obtidos indicam uma complexa interação entre essas duas variáveis. De acordo com a autora, devido a certos estereótipos culturais, os ouvintes utilizaram sua avaliação linguística em uma certa dimensão (a percepção de competência) para ajudar a compor a avaliação linguística de um falante em outra dimensão (percepção de sexualidade). Dessa forma, a variante velar de (-ing) pôde ser entendida como um índice de competência e, para certos ouvintes, soar competente ajuda a constituir aquilo que significa soar gay.

O estudo de percepção conduzido por Levon (2014), no inglês britânico, envolve as variáveis frequência fundamental média (relacionada à percepção subjetiva de vozes “agudas” e “graves”), alongamento de [s] e anteriorização de [θ] (pronúncia da fricativa inicial de *think* como uma labiodental [f], em vez de interdental [θ]), associadas a percepções de simpatia, competência, gênero e sexualidade. Tais variáveis suscitam, de acordo com estudos anteriores (e.g. CAMPBELL-KIBLER, 2011; KERSWILL, 2003), significados sociais atrelados a noções de gênero, sexualidade e classe social, respectivamente. Além disso, o autor atribui, em seu estudo, especial atenção à

⁵ A noção de “competência”, abordada nos estudos de percepção aqui discutidos, se refere a características como “inteligente”, “formal”, “esperto” e “bem educado”.

⁶ A pronúncia anteriorizada de [s] deu origem à expressão *gay lisp* (que corresponde a algo como “jeito gay de pronunciar o [s]”).

contribuição de dados contextuais para a emergência de significado social, ao considerar que as atitudes do ouvinte podem alterar a forma como uma variante é percebida. Por essa razão, foi incorporado ao seu experimento um questionário psicológico que tem a intenção de medir o quanto cada um de seus ouvintes endossa as conceitualizações normativas sobre papéis de gênero masculinos (*Male Roles Attitudes Survey*, doravante MRAS)⁷. A hipótese era de que indivíduos que tivessem internalizado mais profundamente o sistema normativo de crenças sociais sobre masculinidade e gênero masculino poderiam fazer conexões mais estereotípicas entre certos atributos, como “soar masculino” e “soar confiável”, quando estimulados por certas variantes das variáveis utilizadas no experimento.

Os resultados obtidos por Levon (2014) demonstram que certas variantes são mais salientes do que outras para a percepção de algumas características, mas não de outras. A anteriorização de [θ] leva à percepção de indivíduos mais simpáticos, mas a presença de [s] alongado parece “bloquear” tal percepção. Assim, disfarces com anteriorização de [θ] são percebidos como significativamente mais simpáticos pelos ouvintes, mas apenas quando não apresentem também a variante [s] alongado. Além disso, em alguns casos – como no caso da percepção de gênero e sexualidade – verifica-se uma forte correlação entre as respostas dadas no experimento e a pontuação obtida pelo respondente no questionário MRAS. Indivíduos que obtiveram índices MRAS mais altos e que, portanto, aceitam mais profundamente ideias tradicionais sobre papéis de gênero, foram significativamente mais sensíveis a disfarces com frequência fundamental elevada e sibilância acentuada, associando-os a níveis mais altos de *gayness*⁸ e efeminidade.

⁷ PLECK, J.; SONENSTEIN, F.; KU, L. Masculinity ideology and its correlates. In: OSKAMP, S; CONSTANZO, M. (ed.). **Gender issues in contemporary society**. London: Sage, p. 85-110, 1993.

⁸ Termo sem tradução exata para a língua portuguesa, que remete à qualidade de ser ou parecer gay.

Mendes (2016) também relaciona o campo de significados potenciais associados a competência, classe social e escolaridade a noções de gênero e sexualidade ao trabalhar, no português brasileiro, com a percepção sociolinguística da variável concordância nominal de número, doravante (CN), cujas variantes podem ser exemplificadas pelas formas padrão e não padrão *as casas* e *as casa-∅*, respectivamente. A variável (CN) já foi muito estudada pela Sociolinguística brasileira⁹ e a alternância entre o uso de CN padrão e não padrão (CN∅) se mostra recorrente nas mais variadas regiões do país. Oushiro (2015), na análise de uma amostra de 118 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos, observa que CN∅ é mais frequente na fala de homens, de falantes de classes sociais mais baixas e com menor grau de escolaridade. Além disso, um estudo de avaliação sociolinguística também conduzido por Oushiro (2015) indica que a variante CN∅ é associada, de forma consciente, a noções de baixa escolaridade e classe social, mas não a noções de masculinidade. O estudo de percepção feito por Mendes (2016), por outro lado, apontou para uma correlação entre a variável (CN) e percepções de masculinidade e efeminidade, assim como de escolaridade. De acordo com seus resultados, quatro vozes masculinas são percebidas como menos efeminadas, menos escolarizadas e pertencentes a classes sociais mais baixas, menos formais e menos inteligentes em seus disfarces com CN∅.

Os experimentos de percepção sociolinguística conduzidos por Campbell-Kibler (2011), Levon (2014) e Mendes (2016) demonstram como certas variáveis linguísticas podem se associar de modos variados a diversos construtos sociais. De acordo com os resultados obtidos por Campbell-Kibler e por Mendes, variáveis cujo significado está estereotipicamente associado ao campo da competência/classe social, (CN) em português brasileiro e (-ing) em inglês americano, podem ajudar a constituir uma percepção sobre a sexualidade de um indivíduo. Os resultados de Levon, por sua

⁹ Mendes e Oushiro (2015) citam como exemplos de tais estudos Scherre (1978), Guy (1981, 2000), Naro e Scherre (1991), *inter alia*.

vez, demonstram que uma variável estereotipicamente associada ao campo da sexualidade, a duração de [s] em inglês britânico, pode em certos casos bloquear a percepção de significados sociais no campo da simpatia, suscitado por outra variável associada a noções de classe, a anteriorização de [θ]. O experimento de Levon também evidencia que a atitude de um ouvinte pode afetar sua percepção diante de uma certa variável.

Tais resultados corroboram a compreensão das categorias sociais como intersecções dinâmicas e auto constitutivas, já que demonstram a impossibilidade de se isolar o significado sociolinguístico referente a apenas uma categoria social. O que se observa, de fato, é que a construção de significados sociais suscitada por variantes linguísticas ocorre, muitas vezes, na intersecção entre categorias, relacionando os construtos de gênero, sexualidade, classe social e traços contextuais. Ademais, tais resultados estão em consonância com a teoria emergentista proposta por Eckert (2008, 2012, 2016), pois enfatizam a significação de variáveis sociolinguísticas que emerge durante a interação e é assim condicionada por fatores sociais e situacionais. Os resultados também indicam que a técnica *matched-guise* se mostrou como um procedimento metodológico que possibilita testar a intersecção entre as variáveis em experimentos de percepção de forma eficaz, já que permite captar possíveis efeitos de interação entre duas variáveis.

Por fim, os resultados obtidos pelos experimentos aqui descritos demonstram que a noção de uma “fala gay” masculina homogênea é essencialista e irreal, tendo em vista que as categorias sociais não podem ser entendidas como estáticas e tampouco homogêneas, mas como intersecções dinâmicas e auto constitutivas. A orientação sexual de um falante representa apenas parte daquilo que pode ou não estar sendo sinalizado pelas variantes linguísticas por ele empregadas, de forma que há uma ampla gama de performances linguísticas que podem ser percebidas como gays ou efeminadas (CAMPBELL-KIBLER, 2011). Nesse cenário, o foco da pesquisa sobre

variação linguística, gênero e sexualidade deve recair sobre o modo complexo e criativo pelo qual os falantes se valem de variantes sociolinguísticas, intersectando-as em sua própria fala e fazendo emergir uma *persona* social específica (LEVON, 2006).

5 Considerações finais

Procurou-se defender que o conceito de interseccionalidade, advindo das teorias sociais, pode ser aplicado em estudos variacionistas, sobretudo aqueles que se dedicam à percepção de significados sociais no campo de gênero e sexualidade. Argumentou-se que o emprego desse conceito garante um refinamento da análise social feita em estudos de percepção Sociolinguística voltados a noções de gênero e sexualidade. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica, que incluiu textos advindos da teoria social (CRENSHAW, 1989, 2004; BRAH, 2006; HANCOCK, 2007a, 2007b; HENNING, 2015), da teoria sociolinguística (ECKERT, 2008, 2012, 2016; LEVON, 2011, 2015; LEVON; MENDES, 2016) e dos estudos de percepção sociolinguística (CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2016). Demonstrou-se que, em certos experimentos, direcionar a análise sociolinguística para a intersecção de grupos sociais e/ou para a intersecção de variáveis sociolinguísticas pode revelar nuances do significado social suscitado pela variação na língua, como pôde ser verificado nos experimentos descritos.

Um dos objetivos mais amplos deste texto é ressaltar a importância do diálogo entre a Sociolinguística e as teorias sociais. Trata-se de algo que, de acordo com Freitag (2016), tem sido pouco buscado pela Sociolinguística brasileira, que tem se dedicado mais à criação de *corpora* estratificados e às análises intralinguísticas do que a questões de fato sociais, mostrando-se muito mais enquanto metodologia do que teoria. Este texto aponta, portanto, para uma possibilidade de caminho profícuo de diálogo entre a Sociolinguística e as teorias sociais: o uso da interseccionalidade enquanto

ferramenta analítico-metodológica. Não se sugere, todavia, que esse seja o único ou melhor caminho a ser buscado – vários outros são possíveis.

Também buscou-se demonstrar que a utilização da interseccionalidade como ferramenta de análise sociolinguística está em pleno acordo com a teoria emergentista da significação social, que vem se tornando popular entre os estudos sociolinguísticos mais recentes, sobretudo aqueles voltados ao campo do gênero e da sexualidade. Assim, a partir da revisão bibliográfica feita, ressaltou-se a importância de perceber o estudo da chamada “fala gay” e da variação linguística ligada a noções de sexualidade não como algo homogêneo e preciso, mas dependente de inúmeros fatores sociais, contextuais e individuais. Com isso, o principal interesse desse tipo de estudo se torna entender como e em quais contextos as variáveis linguísticas e as categorias sociais se intersectam, fazendo emergir significados sociais específicos.

Referências Bibliográficas

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cad. Pagu**, v. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em: 09 out. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language, Variation and Change**, v. 21, p. 135-56, 2009. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394509000052>

CAMPBELL-KIBLER, K. Intersecting variables and perceived sexual orientation in men. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 52-68, 2011. DOI <https://doi.org/10.1215/00031283-1277510>

CRENSHAW, K. W. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum** 1989, p. 139-168, 1989.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

ECKERT, P. **Jocks and burnouts: social categories and identity in the high school**. New York: Teachers College Press, 1989a.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. **Language Variation and Change**, v. 1, n. 3, p. 245-267, 1989b. DOI <https://doi.org/10.1017/S095439450000017X>

ECKERT, P. Variation and indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IndexicalField.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. *In*: COUPLAND, N. **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 68-85. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781107449787.004>

FISHER, J. Social influence of a Linguistic Variant. **Word**, v. 14, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659655>

GAUDIO, R. P. Sounding Gay: Pitch Properties in the Speech of Gay and Straight Men. **American Speech**, v. 69, p. 30-57, 1994. DOI <https://doi.org/10.2307/455948>

FAI, D. A study of the (-ing) variable in the Ottawa male community. *In*: **Actes du colloque: Tendances actuelles de la recherche sur la langue parlée**. Quebec: Centre International de Recherche sur le Bilinguisme/International Center for Research on Bilingualism, 1988. p. 35-40.

FREITAG, R. Sociolinguística no/do Brasil. **Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170/15085>.

Acesso em: 20 ago. 2019. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v58i3.8647170>

HANCOCK, A. M. Intersectionality as a normative and empirical paradigm. **Politics and Gender**, v. 3, n. 2, p. 248-254, 2007a. DOI <https://doi.org/10.1017/S1743923X07000062>

HANCOCK, A. M. When Multiplication Doesn't Equal Quick Addition: Examining Intersectionality As A Research Paradigm. **Perspectives On Politics**, v. 5, p. 63-79, 2007b. DOI <https://doi.org/10.1017/S1537592707070065>

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. DOI <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>

HOOKS, B. **ain't i am woman?** black women and feminism. Boston: South end Press, 1981.

KERSWILL, P. Dialect levelling and geographical diffusion in British English. In: BRITAIN, D.; CHESCHIRE, J. (ed.). **Social dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 223-243. DOI <https://doi.org/10.1075/impact.16.16ker>

KULICK, D. Speaking as a woman: structure and gender in domestic arguments in a New Guinea village. **Cultural Anthropology**, v. 8, n. 4, p. 510-541, 1993. Disponível em: <https://w2.uib.no/filearchive/kerswill-2003-dialectal-levelling.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.1525/can.1993.8.4.02a00050>

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966]. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511618208>

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. **Journal of Social Issues**, v. 23, p. 91-109, 1967. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1967.tb00578.x>

LAMBERT, W. E.; HODSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960. DOI <https://doi.org/10.1037/h0044430>

LEVON, E. Hearing 'gay': Prosody, interpretation and the affective judgements of men's speech. **American Speech**, v. 81, n. 1, p. 56-78, 2006. DOI <https://doi.org/10.1215/00031283-2006-003>

LEVON, E. Teasing apart to bring together: gender and sexuality in variationist research. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 69-84, 2011. DOI <https://doi.org/10.1215/00031283-1277519>

LEVON, E. Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality. **Language in Society**, v. 43, p. 539-566, 2014. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404514000554>

LEVON, E. Integrating Intersectionality in Language, Gender, and Sexuality Research. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, n. 7, p. 295-308, 2015. DOI <https://doi.org/10.1111/lnc3.12147>

LEVON, E.; MENDES, R. B. **Language, sexuality and power: studies in intersectional sociolinguistics**. Nova York: Madison University Press, 2016. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190210366.001.0001>

LINVILLE, S. E. Acoustic Correlates of Perceived versus Actual Sexual Orientation in Men's Speech. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 50, p. 35-48, 1998. DOI <https://doi.org/10.1159/000021447>

McCLINTOCK, A. **Imperial leather, race, gender and sexuality in the colonial contest**. Nova York: Routledge, 1995.

MENDES, R. B. Nonstandard plural noun phrase agreement as an index of masculinity. In: LEVON, E.; MENDES, R. B. **Language, sexuality and power: studies in intersectional sociolinguistics**. Nova York: Madison University Press, 2016. p. 105-129. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190210366.003.0006>

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Variable number agreement in Brazilian Portuguese: an overview. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, n. 9, p. 358-368, 2015. DOI <https://doi.org/10.1111/lnc3.12156>

MOONWOMON, B. Towards a study of lesbian language. In: BREMMER, S.; CASKEY, N.; MOONWOMON, B. (ed.). **Proceedings of the first Berkeley Women and Language Conference**. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1985. p. 96-107.

MOORE, E.; PODESVA, R. Style, indexicality, and the social meaning of tag questions. **Language in Society**, v. 38, n. 4, p. 447-485, 2009. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404509990224>

MUSON, B.; BABEL, M. Loose lips and silver tongues, or projecting sexual orientation through Speech. **Language and Linguistics Compass**, v. 1, p. 416-449, 2007. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2007.00028.x>

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

PHARAO, N.; MAEGAARD, M.; MØLLER, J.; KRISTIANSEN, T. Indexical meanings of [+s] among Copenhagen youth: social perception of a phonetic variant in different prosodic contexts. **Language in Society**, v. 43, n. 1, p. 1-31, 2014. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404513000857>

SACRINI, M. **Introdução à análise argumentativa**: teoria e prática. São Paulo: Paulus, 2016.

SACRINI, M. **Leitura e escrita de textos argumentativos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

VAN BORSEL, J.; BRUYN, E.; LEFREBVRE, E.; SOKOLOFF, A.; LEY, S.; BAUDONCK, N. The prevalence of lisping in gay men. **Journal of Communication Disorders**, v. 42, p. 100-106, 2009. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2008.08.004>

Artigo recebido em: 27.02.2020

Artigo aprovado em: 02.08.2020